

O DESPERTAR DA "BOA MORTE" DOS CABELOS GRISALHOS DA UNIVERSIDADE DA MATURIDADE DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS.

Domingas Monteiro de Sousa,

Universidade Federal do Tocantins- domonts@uft.edu.br,

Neila Barbosa Osório

Universidade Federal do Tocantins- neilaosorio@uft.edu.br.

RESUMO: Na percepção das vivências de morte e morrer tem sofrido transformações no decorrer da história, cruza uma experiência tranquila e até desejada a uma possibilidade alastrada de angústias e que deve ser evitada a todo custo. Neste contexto, a UMA - Universidade da Maturidade tem uma gama de responsabilidade em discutir e refletir sobre o tema de modo que possa oferecer um acúmulo de relevante conhecimento autêntico e comprometido com o ser humano, em sua plenitude. Este trabalho se propôs a discutir a questão da morte como parte inerente à existência humana, atentando para a necessidade de se compreender as relações de cuidado e as formas de relacionamento humano de modo que se possibilite aos acadêmicos, preparo para compartilhar consigo e com o outro a valorização pessoal e existencial que pode e deve ser vivida com dignidade.

Palavras-chave: luto, morte e o morrer, tanatologia.

INTRODUÇÃO

Esse trabalho surgiu pela aspiração de um embasamento mais consistente da temática da morte, com a finalidade de proporcionar junto aos cabelos grisalhos e acadêmicos da Universidade da Maturidade uma maior compreensão do tema. A percepção das experiências relatadas pelos acadêmicos no decorrer das aulas da disciplina de Tanatologia foi de fundamental importância, contudo, as perdas de entes queridos dos autores foram propulsoras desse ensaio.

Apesar da dor da separação, guardamos boas e doces lembranças e como o reconhecimento da nossa admiração profunda, que nos impulsionou a escrever sobre o tema em questão, descrever e analisar uma proposta educativa dirigida aos acadêmicos da UMA - Universidade da Maturidade/UFT, envolvendo o tema da morte e do morrer em suas múltiplas facetas, bem como despertá-los ao modo de ver e entender a morte.

A trajetória pedagógica percorrida envolveu aulas, leituras de textos, grupos de discussão. A partir de experiências significativas, os acadêmicos puderam direcionar suas consciências para os modos de morrer e algumas de suas diversidades. A análise permite evidenciar que o tema da morte

mostrou-se pertinente enquanto via de acesso ao “Ser” dos acadêmicos e a experiência constituiu-se conhecimento humanístico aos seres em pauta.

Entretanto, entende-se que a morte coloca o ser humano diante de questões essenciais, de perguntas profundas. Morrer bem, ter uma morte tranquila, bem assistida, com o amparo médico, social, familiar, sem dúvida faz parte do processo educativo para a morte.

Educar para morrer é ensinar a sociedade cercar o ato de morrer dos melhores cuidados possíveis. Embora a educação para a morte possa ir além; devido aos aspectos interdisciplinares, os quais deveriam iniciar desde as primeiras fases da infância, estabelece-se como um elemento da educação das novas gerações, na proporção de educar melhor para viver bem.

O Objetivo Geral desse estudo foi verificar como os acadêmicos da Universidade da Maturidade da Universidade Federal do Tocantins - UMA/UFT percebem a morte e o morrer.

A partir disso, surgiram os *Objetivos Específicos* que visaram identificar os conceitos sobre a ciência da morte extraídos dos acadêmicos da UMA /UFT; Aplicar dinâmicas de socialização da morte aos que vivem na faixa etária vista como mais próxima da morte e elaborar metodologia de apresentar a morte aos acadêmicos da UMA/UFT.

A morte

Dissertar sobre a morte não é tarefa simples. Ainda hoje o tema é visto como tabu e habitualmente tratado como assunto “impronunciável”. Embora seja uma realidade irreversível inerente ao mundo dos vivos, a sua comunicação é necessária ao enfrentamento das situações de perdas.

A morte sempre chega de surpresa, o que ocasiona a falta de preparo para o acontecimento, mesmo quando o sujeito encontra-se em estado de saúde delicado e esperançoso continua lutando pela vida, bem como a família e os amigos que esperam por possível recuperação.

Sabemos que no mundo lógico dos homens, podemos assegurar que a única certeza da vida é a morte, apesar disso a grande maioria a receia diante da veracidade de sua impotência frente o fim. Ainda assim, o homem pode optar em não por um ponto final na finitude, porque a própria morte o aconselha como continuar a vida. Dessa forma, a morte e o morrer não permitem inquéritos, haja vista ser uma experiência exclusiva em que o homem só descobre o segredo quando chegar a sua vez.

Destarte, a morte pode ser apreendida, vivida de forma saudável e eficaz, capaz de abstrair do fato as melhores e mais importantes lições de vida e do amor das pessoas que fazem parte do mundo e do universo peculiar de cada ser.

Diante de uma sociedade relativamente senil, faz-se uma estreita relação entre a velhice e a morte, visto que muitos ainda pensam que apenas aos velhos é dado o morrer. Entretanto, estatísticas demonstram que, proporcionalmente, morrem mais jovens do que velhos.

Com o desenvolvimento da medicina preventiva, tanto quanto da curativa, proporcionou uma maior extensão da expectativa de vida. Em contrapartida, com a evolução de máquinas e equipamentos cada vez mais rápidos e com maior aparição de riscos, os jovens, são os que mais utilizam esses instrumentos, expondo-se a perigo de acidentes e de morte com maior frequência; isso somado até mesmo a imprudência da juventude.

Considera-se "idoso", em nossa sociedade, quem já passou dos 60 anos. Contudo, observou-se que muitas pessoas até bem mais acima desse limite, encontram-se bastante saudáveis e atuantes em seus grupos aumentando a expectativa de vida. O que tem feito com que o número de pessoas com essa faixa etária aumente significativamente, formando países com uma predominante população de velhos.

Se a idade para algumas civilizações é sinônimo de sabedoria é, portanto, um valor positivo para a civilização ocidental o que não é usual. Normalmente, o velho é visto como um fardo para a família e para a sociedade, ou quando nada, como um problema complexo.

Percebemos até mesmo por uma questão de semântica, que a velhice é relacionada com a decrepitude e, conseqüentemente, com a morte. Senescente, palavra que define aquele que está envelhecendo, está etimologicamente ligada à palavra senil que, além de idade avançada, se refere à fraqueza, a debilidade e as doenças degenerativas.

Contudo, se bem elaborada a senescência se torna um período de enorme riqueza interior. Por mais árdua que tenha sido a vida, pode ser enriquecedora no futuro quando puder olhar atrás e vir que as muitas e mais legítimas fortunas foram acumuladas, exatamente por meio da história que se fez e que viveu. Assim, na idade avançada, pode-se buscar a solução de remotos conflitos e encontrar um novo sentido para a vida, que basicamente se converterá numa autêntica preparação para a morte.

Nesse sentido, encontrar-se-á a integração pessoal e a verdadeira sabedoria. Se houver negação no trilhar desse caminho, o resultado será um sentido de desesperança provocado pela insatisfação com tudo aquilo que se fez e especialmente com o que não se fez, enfrentando-se agora

a realidade da falta de tempo e de energia para realizar o que faltou. Apesar disso, há curiosamente certo consenso em torno da ideia de que os velhos aceitam melhor a morte do que os mais jovens.

Sabemos que a morte enquanto acontecimento social começou a ser estudada cientificamente no final do século passado por antropólogos britânicos evolucionistas. Pioneiros em conceber relevância ao estudo da morte como tema social acreditavam que a origem da religião fundamenta-se na atitude de buscar o entendimento de forma racional da perspectiva do próprio fim, ou seja, o momento de vida que significava a exterminação da própria existência - a morte.

O tema da morte era um capítulo complementar do estudo da religião, porém, não dotava o estatuto de que hoje desfruta. Provavelmente, a perda gradual da dependência do tema com a consequente construção de sua autonomia face à sua remota condição auxiliar do estudo científico da religião tenha sido ocasionada pela clareza da ameaça social associada a uma escassez de pesquisas sobre o assunto.

Segundo ÁRIES (1989), as mudanças na sociedade ocidental relativas às atitudes das pessoas quando em contato com a morte, especificamente na primeira Idade Média, a morte é tida como *domesticada* – afirma a existência de uma maior intimidade entre o morrer e o cotidiano da sociedade, ou seja, parecia fazer parte naturalmente da vida, podendo ser mais bem compreendida.

Aproximadamente no século XII, começa a se desenvolver na sociedade ocidental uma “preocupação da particularidade do indivíduo”, endógena a ideia de destino coletivo da espécie (a morte). O fenômeno que se tinha da representação do Juízo Final, pelos quais todos os homens passariam baseados em suas ações terrenas, passa a ocorrer no momento pontual da morte - final de cada vida.

Essa realidade vem contrastar com a familiaridade tradicional entre o homem e a morte implicada numa concepção coletiva de destino. Altera-se o imaginário sobre a morte e o morrer na sociedade ocidental, que vivia um processo singular de transformação individualizada que passa entender o indivíduo como singular e único.

Já a partir do século XIII, surge uma nova concepção da morte; a romântica, que do imaginário entende-se e completa-se no concreto: como ruptura, algo que foge ao cotidiano e que interiorizada em obra de arte, como algo amoroso em que se vê primeiro o “outro”.

Atualmente, lidar ou enfrentar a morte parece ser uma das tarefas mais difíceis do homem pós-moderno. A maneira como é encarada tem influência direta sobre a forma de enfrentamento, ou seja, as atitudes e práticas com relação à morte têm avançado gradativamente com o passar dos séculos.

Vê-se em Phelipe Áries (1977) uma pesquisa sobre como essas mudanças ocorreram nos séculos passados, até o século XIX, as pessoas tinham uma familiaridade maior com a morte que nos dias hodiernos, porque se antes a morte boa era a avisada e a morte sem aviso era tida como vergonhosa, hoje a “boa morte” é a súbita, que não causa sofrimento.

Mortes repentinas eram consideradas desonrosas por não dar tempo ao morto de se preparar para morrer, pedir perdão, fazer recomendações, despedidas e outros. Não havia medo de morrer, mas de finir-se só. Se a morte era vista como natural e familiar pode-se deduzir que era mais fácil enfrentá-la.

Para Kübler-Ross (1996), há muito desapareceu a crença de que o sofrimento na terra seria recompensado no céu e que aquele perdeu sua razão de ser. Entretanto, com essas mudanças, as pessoas menos acreditam na vida após a morte e, que por vezes pode ser por si só uma negação da própria mortalidade.

Salienta ainda que por mais paradoxal que seja, enquanto a sociedade tem contribuído para a rejeição da morte, a religião tem perdido adeptos entre os que acreditavam na imortalidade.

Para os autores foi uma troca desvantajosa ao paciente que acreditava no significado do sofrimento e recompensa do céu após a morte, a qual tem oferecido esperança e sentido, enquanto que a rejeição propalada pela sociedade, nada disso oferece, só aumenta a ansiedade e contribui para acentuar o senso de destruição e agressão: “matar para fugir a realidade e ao confronto com nossa própria morte”.

A morte deixou de acontecer nas casas e ao lado das famílias e amigos e se direcionou aos hospitais e Unidades de Terapia Intensiva - UTI's. Evita-se falar sobre ela.

Vale lembrar que até o século XIX os próprios familiares cuidavam da preparação do corpo e do enterro. Todos vivenciavam e compartilhavam do momento de perda. Atualmente, tudo fica a cargo de profissionais e os familiares deixaram de ser participantes para serem expectadores. Ainda nesse século surge a dor em relação ao rompimento do vínculo com a pessoa amada e não mais em relação ao morto. Agora a dor não é simplesmente pela perda, mas por deixar de ser amado com a ida do outro.

No decorrer do século XX até agora é visto um desejo de desperceber a morte que é tida como algo longínquo, como se pudesse ser inexistente. Os rituais estão cada vez mais discretos e extintos

Podemos hoje prolongar a vida, mas não é possível evitar o encontro com a morte. Na sociedade atual a morte é um assunto velado, no qual não é adequado se falar. Ainda é considerada vergonhosa e vem como prova de impotência, de fracasso da medicina e, por isso quando há deparação com a morte do outro atina à possibilidade da própria morte. Defendemos o pavor que isto provoca, esconde e nega a morte do outro, para poder negar desta maneira, a própria vulnerabilidade.

Muitos encaram a morte como um "corte" na vida e não como uma etapa dela. Quem morre deixa de realizar coisas, no entanto, muitas vezes, o homem é incapaz de perceber que mesmo sem morrer, deixa-se de viver, de desfrutar a vida em toda a sua plenitude. Haja vista que, se o homem tem consciência da finitude das coisas e de si mesmo, tornar-se-á livre para estar no presente e inteiro.

LOUREIRO (1998, p. 77) sugere:

O ser humano reconhece-se finito, mas, no fundo, está convencido ou iludido da sua imortalidade. Apesar de sabermos que a morte existe, embora traumatizados pela morte, vivemos iguais cegos à morte, como se os parentes, os nossos amigos e nós próprios não tivéssemos nunca de morrer.

A finitude é um fato de difícil aceitação para o ser humano porque se pode crer em diversificados aspectos do pós-morte. Essa vida e a maneira como é concebida e construída, por certo findará. No entanto, aquilo que é mais complexo ao indivíduo é perceber-se como finito, é sem dúvida, o inevitável.

A morte poderá vir a qualquer momento, mas com o decorrer do tempo e à medida que o indivíduo vai envelhecendo, morrer torna-se um fato que reveste de uma concretude ampliada.

Assim, morrer em tenra idade é uma possibilidade, enquanto que morrer na velhice é um fato. Poeticamente, pode-se dizer que se morre um pouco a cada minuto vivido. Nesse sentido, viver e morrer são complementares e parceiros.

A morte e o morrer

A morte é um processo biológico natural e necessário. É condição indispensável à sobrevivência da espécie e fundamental para a "aventura humana sobre a terra". A vida se alimenta e se renova por meio da morte. Esta não seria a negação da vida e sim um artifício da natureza para

tornar possível a manutenção da vida. Morrer é o estado vivo para o estado morto, falecer, cansar-se demasiadamente até a exatão.

É notório que o conceito puramente biológico de morte, não é bem aceito pelo homem. Este tende a analisar a morte filosoficamente criando aspectos que transcendem aqueles genuinamente biológicos.

Assim, a morte é vista de maneira múltipla segundo diferentes grupos sociais e de acordo com aspectos religiosos, éticos e culturais. Fundamentalmente, a sociedade ocidental rejeita a morte e busca constantemente vencê-la e para isso se baseia no seu desenvolvimento científico. Na tentativa de vencer ou no mínimo contornar o fenômeno da morte leva às centenas de situações que

À luz da Bíblia, a morte em si é uma condição de separação. E há somente dois tipos de morte. A física e a espiritual. A primeira envolve a separação temporária do espírito em relação ao corpo e a ressurreição, quando o corpo será reajustado ao espírito humano. A segunda exprime a separação do corpo e espírito humano em relação a Deus sob condição irremediável.

Morte significa fim da vida física. A morte espiritual significa separação em relação a Deus (Efésios. 2.1-5). A palavra é também empregada nos seguintes sentidos: 1) o fim de um modo pecaminoso de viver (Romanos 6.4-8) e 2) a derradeira irreversível separação em relação a Deus após o juízo (Apocalipse 20.11-15).

METODOLOGIA

Para alcançar os objetivos por meio da história de vida, utilizou-se da abordagem qualitativa. As informações coletadas com entrevistas semiestruturadas, diário de campo, história de vidas e registro fotográfico. Os participantes do estudo foram os acadêmicos e a coordenadora da Universidade da Maturidade/UFT. A escolha dos participantes deste estudo foi ocasional entre os acadêmicos integrantes da UMA, com a faixa etária entre 45 a 65 anos.

As entrevistas foram realizadas com seis acadêmicos sendo cinco do sexo feminino e um do sexo masculino, os quais foram escolhidos intencionalmente conforme a disponibilidade de falar sobre o tema abordado.

O ensaio pautou-se nas teorias metodológicas descritas acima, como um estudo descritivo que utilizou os conteúdos abordados nas aulas de Tanatologia na Universidade da Maturidade, como ferramentas na descrição dos fenômenos estudados. Contudo, a descrição é apenas uma das funções dos resultados obtidos por meio das informações e conduta dos participantes envolvidos.

Procuramos abordar as características principais da temática aplicada por meio da observação da qualidade dos textos estudados e, ainda o aspecto principal das estratégias adotadas pelos professores e os acadêmicos que assimilaram a mensagem explícita nos conteúdos aplicados.

A observação dos diferentes aspectos teve como referências comuns a ação interdisciplinar, a aplicação do método fenomenológico, a orientação psicossocial sobre o papel do acadêmico da UMA no que se refere ao contexto da morte e o morrer, a elaboração do luto e suas múltiplas expressões. O entendimento e a adesão do acadêmico às orientações recebidas, as dificuldades de compreensão do tema, decorrentes das diferenças nos valores culturais, da religião e das crenças imbuídas na sociedade e no âmbito escolar a que pertencem.

Nas entrevistas com os acadêmicos realizamos a observação direta intensiva, além de um roteiro básico de entrevista. Utilizamos a observação não estruturada ou assistemática, prevalecendo a espontaneidade e informalidade na conversa com os sujeitos da pesquisa. A observação das aulas foi participativa, na medida em que houve contato com os acadêmicos, conversas diferenciadas sobre as vivências daqueles no contexto social referente à morte.

É oportuno lembrar que as aulas de Tanatologia aplicadas aos acadêmicos da UMA, proporcionou conhecimento e descoberta da multiplicidade de significados da morte conferidos pelos sujeitos em questão.

Da análise dos discursos emergiu a primeira essência: “morte como passagem”. Explícita na fala da entrevistada *Verbena* que seguramente afirmou: “A morte é uma passagem, é separação da vida aqui na terra passando para o outro lado onde Deus nos espera (risos)”. Para ela, é por meio da morte que se aproxima da vida verdadeira e, afirma: “aqui é só uma passagem”.

A segunda essência foi: *A morte como separação*. *Margarida* percebe a morte como um sofrimento, separação, dor, sentimento de perda (quando se fala do outro) Diz: “é muito difícil passar por esse momento, pois a pessoa fica fragilizada”. “Perder um ente querido causa muita solidão, tristeza, dor e saudade... É de uma coluna vazia no seu espaço”.

Notamos, conseqüentemente, que a “*morte como o fim*” está imbuída em todas as falas dos entrevistados, evidenciada aqui na fala de *Verbena* que diz: “A morte é o fim de um começo de vida e o começo de outra vida que é a eterna”. E em risos endossa: “Antes da UMA eu sinceramente achava que estava bem pertinho do fim, inclusive preparei camisola já para a velhice... depois da UMA, eu me senti bem mais renovada, com certeza, através de bons professores como a professora Domingas a professora Neila e todos os outros... esse trabalho de pesquisa com certeza tira a gente da solidão”.

A convivência com a dor que acompanham o processo da morte e do morrer foi associada à compreensão e ao conhecimento. Nesse sentido, é relevante registrar discursos proferidos pelos sujeitos em relação à disciplina de Tanatologia na UMA.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Debater sobre a morte na Universidade da Maturidade, foi uma experiência singular, além de o assunto provocar espanto e curiosidade aos acadêmicos, despertou no íntimo deles a valorização pessoal e autoestima, bem como, a compreensão e o autocontrole na busca do tratamento das feridas cristalizadas pelos anos.

Nesse sentido, o “falar da boa morte”, trouxe aos discentes, uma vasta sensação de libertação, embora, tenha causado sentimento de desconforto para alguns que associados a um conjunto de valores culturais, obstaculizam o estudo do tema, que estigmatizado nas trilhas das gerações anteriores tornou-se uma palavra de cunho assustador. Muitos evitam até mesmo pronunciá-la, outros acreditam que traz azar e que não deve ser comentada com “velhos”, porque já se encontram no fim da linha, o que é deprimente para eles.

Em suma, o convívio com o tema, foi capaz de quebrar paradigmas e modificar conceitos para melhor entender o fenômeno da morte e elaborar as perdas consideradas necessárias, ou seja, a disciplina proporcionou o conhecimento necessário para uma vida feliz, considerando os valores e a compreensão de cada acadêmico a respeito da temática abordada.

Na percepção dos coordenadores da UMA, o estudo da disciplina de Tanatologia promoveu uma nova percepção quanto à morte e o morrer: “Para nós a partir do momento que começamos a estudar a Tanatologia para orientarmos uma dissertação de mestrado inicia um novo cenário da nossa vida pessoal e profissional”.

Enquanto autora e docente da UMA, aborda-se a questão da disciplina de tanatologia na vida dos alunos no que se refere ao viver com dignidade. E os autores do projeto discorrem: “Ela é vital para descobrirem o sentido da vida, pois, quando conhecemos a morte temos melhor percepção da vida”.

E complementam: “Um curso universitário que tem como missão reestruturar o envelhecer em uma cidade com dignidade, precisa trabalhar a questão da morte e deixar de ignorar que somos mortais. É um ato de covardia que não devemos ser referência na sociedade se estamos em uma cidade onde a sua essência é ensinar a pensar”.

Nesse sentido, notificamos que o estudo da morte na Universidade da Maturidade foi contributivo para o enfrentamento das situações de solidão, de luto e de perdas, o que demonstra a importância de levá-lo ao conhecimento das pessoas, independente da faixa etária e grau de escolaridade.

A metamorfose do ciclo de vida, que ocorre, é mais ou menos repentina e de caráter fisiológico e psicológico. Isso afirma a existência de indiscutíveis razões sociais, culturais e econômicas para se aprofundar o conhecimento e alargar a compreensão dos mecanismos da morte.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Embora, nos dias hodiernos o fenômeno da morte ainda seja visto como algo vergonhoso e um temível incômodo vê-se nisso, um longo processo desenvolvido por meio dos séculos. Da morte “domesticada” na idade média à morte “interdita” na sociedade contemporânea.

Nesse aspecto, pretendemos explicitar a relevância da temática à sociedade e em especial aos profissionais ligados as áreas de educação, saúde, serviço social, psicologia e afins, com o escopo de alcançar todas as novas teorias /ou pesquisas, bem como novas atitudes frente à morte, o morrer e o luto. Na perspectiva de que, ao envelhecer, o indivíduo não tenha que suportar o peso do preconceito e tabus adquiridos, na maioria das vezes, pela cultura ou pelo próprio cotidiano.

Vale lembrar que a educação é a propulsora de mudanças pessoais e/ou coletivas, haja vista ser por meio dela que se levam ao conhecimento os sujeitos portadores de racionalidade inerente ao ser humano. Urge então, a necessidade de se inserir na educação, o estudo da morte (Tanatologia) e aplicar Disciplinas que englobam o morrer e o luto.

Educar para a morte envolve um pensamento amplo, incluindo situações de guerras, violências ou catástrofes, assim como suas possíveis prevenções no sentido de pensar melhor em um maior respeito à vida.

Dessa forma há possibilidade de se enfrentar situações de perdas e crises com o desenvolvimento de recursos próprios para isso, o que constitui melhor aproveitamento da vida, amenizando o medo da morte e do morrer.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

A Bíblia Vida Nova/ editor responsável Russell P. Shedd; traduzida em português por João Ferreira de Almeida – Ed. Ver. E atual. No Brasil – São Paulo: Vida Nova; Brasília: Sociedade Bíblica do Brasil, 1995.

A QUEIROZ, M.I. (1988) **Relatos orais: do indizível ao dizível**. In: VON SIMSON (org.) Experimentos com Histórias de Vida: Itália-Brasil. São Paulo: Vértice.

ALAMY, Susana. **A morte no contexto hospitalar**. 1999.

BENJAMIN, A. A entrevista de ajuda. São Paulo: Martins Fontes, 1986.

BOSI, E. (1999). **Memória e Sociedade: lembranças de velhos**. São Paulo: Cia das Letras

CAMARGO, A. (1984) **Os Usos da História Oral e da História de Vida: trabalhando com elites políticas. dados** - Revista de Ciências Sociais. Rio de Janeiro, v.27, n.1, pp.5-28.

KÜBLER ROSS, Elizabeth. **Sobre a morte e o morrer**. São Paulo, Martins Fontes, 1998.

MARCONI, M.A.; LAKATOS, E.M. Técnicas de pesquisa. São Paulo: Atlas, 1986..

MARTINS, J. & BICUDO, M.A.V. (1989) **A Pesquisa Qualitativa em Psicologia: fundamentos e recursos básicos**. São Paulo: Moraes/ EDUC.

MOREIRA LEITE, M. L. (1993). **Imagens e Contextos**. *Boletim do Centro de Memória – UNICAMP*, 5(10), 45-60.

OSÓRIO, Neila Barbosa; NETO, Luiz Sinésio, **Histórico da UMA: Pioneira do Estado do Tocantins**, 2006.

SARTRE, J.P. (1981) *The Family Idiot: Gustave Flaubert, 1821-1857*. Chicago: University of Chicago Press, v.1, p.43 apud DENZIM, N. (1984) **Interpretando as Vidas de Pessoas Comuns: Sartre, Heidegger e Faulkner. dados** - Revista de Ciências Sociais, Rio de Janeiro, v.27, n.1 pp. 29 a 43.

<<http://www.cchla.ufpb.br/caos/01-vilar.html>>, acessado em 14/02/2007.